

Problemas ósseos atingem 17% dos pacientes em tratamento contra Aids

Levantamento do Hospital das Clínicas da FMUSP, ligado à Secretaria de Estado da Saúde, aponta que 17% dos pacientes em tratamento contra o HIV desenvolve algum tipo de complicação óssea.

Os pacientes chegam ao HC encaminhados pela Casa da Aids do HC ou pelo Centro de Referência e Treinamento DST/Aids-SP. Para atender ao crescente número de portadores do vírus HIV que sofrem de problemas ortopédicos, o Instituto de Ortopedia e Traumatologia conta com um ambulatório pioneiro e único na América Latina, que já realizou 2.200 atendimentos e que, atualmente, tem 400 pacientes fixos.

Segundo a infectologista Ana Lúcia Munhoz Lima, que coordena o ambulatório juntamente com o ortopedista Gilberto Camanho, diversos fatores podem ser responsáveis pelas alterações osteoarticulares em pacientes infectados pelo HIV, tais como: a presença de vírus nos ossos, o uso do coquetel de tratamento, o sedentarismo e, até mesmo, questões genéticas.

“É preciso ter atenção, pois pequenas queixas ortopédicas, se não tratadas precocemente, podem gerar graves complicações aos pacientes soropositivos”, informa a infectologista do IOT.

Entre os principais problemas ósseos apresentados por soropositivos, que usam antirretroviral há mais de dez anos, estão a osteopenia (diminuição da densidade mineral), osteoporose e osteonecrose - principalmente do quadril. Segundo a

especialista, o número de casos de osteonecrose é maior do que na população em geral e, devido ao diagnóstico tardio, a única opção de tratamento é a colocação de próteses articulares.

O grupo vem tratando os pacientes com próteses de quadril, providas pelo Programa Estadual de DST/AIDS. As cirurgias são realizadas no Centro Cirúrgico do Instituto de Infectologia Emílio Ribas. “As dores iniciais não devem ser relevadas e sim investigadas”, ressalta, acrescentando que, quanto mais cedo for feito o diagnóstico, maiores e mais simples as chances de tratar.

Treinamento em todo Brasil

O Brasil tem cerca de 700 mil pessoas contagiadas pelo vírus, sendo que menos da metade sabe que é portadora. “Antes, a doença matava muito rápido. Hoje, com a expectativa de vida prolongada, estamos conhecendo outros problemas que ela acarreta, como os ortopédicos”, explica Ana Lúcia.

Para conscientizar os soropositivos da necessidade de cuidar dos ossos e das articulações, médicos do Instituto de Ortopedia do HC têm levado conhecimento a outros estados do Brasil. “Além da conscientização dos pacientes, também já treinamos médicos no Rio de Janeiro, Brasília e em alguns outros hospitais de São Paulo, por meio do Programa Nacional DST / Aids”, destaca a doutora, enfatizando que os treinamentos continuarão por outras regiões brasileiras.